

## Analizando expressões brasileiras (verbetes em M-O)

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta alguns verbetes que integrarão um futuro “Dicionário filosófico-sociológico de expressões brasileiras”, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido.

**Palavras Chave:** expressões brasileiras. uso, datação e sentido.

**Abstract:** This article presents some entries (as part of a coming Dictionary) of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage.

**Keywords:** Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning.

### Introdução – Expressões brasileiras, seu significado e datação

Neste artigo e no outro que integra esta edição, apresento uma amostra do que será um livro, um “Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras”, que sucede o recém publicado *Pequeno dicionário de expressões brasileiras* (<https://www.editoraenguaguacu.com.br/product-page>).

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real. Em cada citação (na qual manteremos a grafia da época), indicamos o órgão de imprensa, a data de publicação e a cidade ou Estado da federação do qual ela procede.

### Abreviaturas aqui empregadas

**BN:** Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional.

**Delicado** – é referência ao livro de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.

**Pequeno Dicionário:** verbetes do “Pequeno dicionário de expressões brasileiras”, São Paulo: Enguaguacu, 2023.

**Rolland, Francisco ed.** - *Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua Portugueza*, tirados dos melhores authores nacionaes, e recopilados por ordem alphabetica por F.R.I.L.E.L. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1841. Nova edição correcta, e augmentada (a 1ª. edição, da mesma casa e coligida por Rolland, é de 1780).

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. [jeanlaua@usp.br](mailto:jeanlaua@usp.br). Autor do recém-lançado: *Pequeno dicionário de expressões brasileiras*. São Paulo: Enguaguacu, 2023.

## Mais por fora do que... (& Cia.)

Nos anos 60 (ou até um pouco antes), impulsionados pelos programas de humor do rádio e da televisão, surgiram muitas expressões com comparações jocosas, com tipos hiperbólicos de diversos casos. Para começar com o mais prolífico, para tachar alguém de desinformado, não bastava dizer – com a gíria da época “o cara está por fora” –, mas aplicava-se a ele alguma das inúmeras formulações comparativas: “o cara está mais por fora do que...” ...umbigo de vedete, dedão de franciscano, quarto de empregada, cotovelo de caminhoneiro, joelho de escoteiro, mão de afogado etc.

Do mesmo modo, são clássicas as referentes a desorientação “está mais perdido do que...” cego em tiroteio. cachorro em dia de mudança ou amendoim em boca de banguela. Havia comparações para dezenas de outras instâncias: “Mais velho do que o rascunho da Bíblia (ou do que andar para frente)”; “mais enfeitado do que penteadeira de puta”; “mais feio do que bater na mãe (ou do que briga de foice)”; “mais chato do que gilete caída no chão do banheiro”; “mais amontoado do que uva em cacho”; “mais apertado do que sardinha na lata”; “mais enrolado do que briga de polvo”; “mais devagar do que tartaruga grávida”; “mais fácil do que tirar doce de uma criança”; “(o cara é) mais folgado do que colarinho de palhaço”, etc.

Os máximos também compareciam em outro tipo de formulações, como a clássica: “Quer moleza? Toma sopa de minhoca” e a mais célebre (surgida na BN em 1969 e usada ainda hoje): “Quer aparecer? Pendura uma melancia no pescoço!”

## Marmelada – e sua imagem no Brasil

Talvez muitos jovens de hoje nunca provaram (ou sequer viram) o fruto chamado marmelo. Mais popular, porém, é a marmelada, doce que compete com seu parente próximo: a goiabada. E no campo dos sentidos figurados, a “marmelada” tem uma longa e arraigada história em nosso país, alegorizado até em samba-enredo pela “Mocidade Unida da Mooca”, no carnaval de 1988. Examinemos pois a marmelada, sua realidade e suas metáforas...

Uma coisa, uma realidade, apresenta diversos componentes e essa complexidade não é captada em sua totalidade pela linguagem: a palavra, muitas vezes, se atém a um único determinado aspecto, um gancho pelo qual vai designar um todo. Por exemplo, em português chamamos de *guarda-chuva* o utensílio que me protege contra a água; já a língua inglesa e a italiana designam o mesmíssimo objeto a partir de outro aspecto: o fato de que ele produz uma sombrinha (*umbrella*)...

Desde o século 19 (na verdade, desde 1521 – Houaiss) marmelada era, por excelência, o doce com consistência de corte (tal como, seu “vice”, a goiabada, na combinação “Romeu e Julieta”) daí que no começo do século 20 (e antes) era comum – exclusivizando-se o fator consistência – falar-se em “marmelada de”: marmelada de laranja, marmelada de damasco, maçã etc. Antes de estranharmos esse fato, lembremo-nos de que nós mesmos falamos em “salada de frutas”, atentando somente para o fator “combinação de diversos elementos” e esquecendo-nos de que “salada” deriva de sal... E em nosso tempo admitem-se extensões de sentido para palavras que tinham permanecido fiéis por séculos a características que eram consideradas determinantes e essenciais e hoje abundam as “feijoadas de frango” (sem porco), “paellas vegetarianas” (sem frutos do mar) e até churrasco vegano...!

Naturalmente, não faltavam no século 19 consumidores puristas (da linguagem e da culinária) que investiam contra a “Marmelada de laranja” e em 1900 (“Jornal Pequeno” PE, 26-09-1900), o fabricante J. B. Ribeiro vê-se obrigado a publicar um cala-boca:

(dizem que é impossível e que “marmelada so pode ser de marmelo”)  
Engano manifesto, e, se não, veja-se o que diz (o dicionário de) Frei Domingos Vieira, em sua edição de 1873

“*Marmelada* marmelos cosidos em pedaços com assucar etc. etc.

“Por extensão: Qualquer outro fructo preparado como o marmelo de marmelada. Neste caso costuma-se dizer MARMELADA de..., por exemplo MARMELADA de maçã.”

Fica, portanto, provado que também pode existir a *marmelada de laranja*, manufacturada pela Companhia Fabrica Nacional de Conservas Alimentares.

Antes de surgir como metáfora de “conluio fraudulento”, durante as primeiras décadas do século 20, “marmelada” no sentido figurado significava confusão e trapalhada, uma mistura, para, por exemplo, elaborar uma poesia mal feita, como criticadas em “O Malho” RJ, 20-06-1908 e 03-02-1923. Nesta última data, o crítico aponta erros gramaticais (“Chegou aqui os dois aviadores”), expressões ridículas como “(os heróis aviadores são) feros descobridores” etc., enfim uma “marmelada”.

Em primeiro de janeiro de 1916, a mesma revista satiriza em caricatura o açodamento com que o senado e a câmara vão amontoando improvisadamente os itens do orçamento em uma bagageira e o Senado diz que, já não dá tempo e “- Agora... (o orçamento) vae de qualque maneira”. O Presidente comenta: “- Não faz mal: para o anno dá-se outro geito... E a Câmara conclui “o que vem a dar no mesmo... nesta marmelada”.

Não se sabe se neste sentido pejorativo ou se no positivo (do doce gostoso), ou se numa ambígua zona neutra, o fato é que desde o começo do século 20, a marca registrada da publicidade do circo era o que se designava por “Litania (Ladainha) do Ridículo”, até hoje seu símbolo emblemático:

Hoje tem marmelada?

Tem sim sinhô!

Hoje tem goiabada?

Tem sim sinhô!

(ao que se acrescentava também:

E o paião o que é?

É ladrão de muié!)

(“A.B.C.” RJ, 02-07-1921; “Fon-Fon” RJ, 26-02-29)

“O Paiz” (RJ, 30-04-1917) nos dá um importante testemunho: o uso da Ladainha pela molecada para vaiar a odiada carrocinha de recolhimento de cães sem dono:

A carroça da apanha dos cães vadios tem para a garotada o mesm attractivo dos palhaços de circo, nos tempos em que estes saiam à tarde a passeio pelos arrabaldes onde estava montada a barraca, montados em cavallos, acompanhados dos pequenos e a gritar: “Hoje tem marmelada?”

O jornal prossegue de modo surpreendente (pois a “Litania do Riso” sempre se manteve constante na BN): “Com o decorrer dos tempos, caiu este reclame de moda”.

Passemos agora a examinar quando e como “marmelada” passou aos sólidos sentidos figurados de “negócio desonesto” e “conluio entre os participantes de um jogo ou competição, a fim de que o resultado seja favorável àquele a quem convém sair vencedor” (Aurelio).

Já em 1921, o “Gil Blas” (RJ, 21-07-1921) publica uma longa carta do leitor Mario Deval, que proclama veementemente (às vésperas do centenário da Independência) a necessidade da nacionalização do comércio, que deveria estar em mãos de brasileiros e não nas dos portugueses, que, segundo o missivista, exploram roubam etc. E xenofobicamente enumera as fraudes cometidas por esses “ladrões audaciosos” e entre elas já encontramos a falsificação da marmelada:

(Teremos por todo o sempre de...)  
beber leite com água e café com milho; a pagar um kilo de carne por um peso de quinhentas gramas (etc.) Comeremos toda a vida marmelada de chuchu?

A marmelada adulterada (a de chuchu) vai ficando famosa e multiplicam-se as queixas contra a enganação. Em 23-12-1938, a “Gazeta de Notícias” (RJ) diz: “Não resta a menor dúvida de que nossa famosa marmelada é 80% chuchui e batata doce”.

Parece certo que possamos datar “marmelada”. como metáfora para conluio ou fraude, no final da década de 30. Um documento importante na datação desse sentido está na satírica revista “Careta” de fevereiro de 1940, que é o primeiro uso que ela faz dessa acepção. Ao publicar uma caricatura de um grupo de industriais comentando a expulsão do Presidente de seu clube, um deles diz a razão:

Que haviam de dizer os nossos “torcedores” (como se fosse o “clube dos industriais” fosse de futebol) quando soubessem que na presidência de nosso club estava um fabricante de “marmelada”?

E pela novidade desse uso da palavra “marmelada” a revista (que a emprega por primeira vez nesse sentido) se vê obrigada a ajuntar à caricatura uma nota explicativa:

“Marmelada” quer dizer conluio, arranjo para auxiliar algum “team” contra outro, na gíria de football.

Note-se que “Careta”, afeita a estampar em suas edições diversos verbetes jocosos do tipo dos dicionários, tinha publicado um, em setembro de 1938, intitulado “Marmelada”, no qual dizia simplesmente: “doce que pode ser fabricado com várias frutas, inclusive o marmelo”, sem aludir a nenhum contexto de engano...

De lá para cá, na prática, “marmelada” é pensada principalmente no sentido de conluio e fraude. Por isso, por exemplo, muitos viram no enredo da Portela, campeã do carnaval de 1980, “Hoje tem marmelada?”, junto com uma grande homenagem ao circo (a partir da imortal Ladainha do Ridículo), uma alusão à roubalheira da qual a Escola teria sido vítima no resultado do ano anterior... (Cf. site da Portela: <https://www.gresportela.org.br/Historia/DetalhesAno?ano=1980> Acesso em 03-05-2023).

## **Mengão, Vasco, Fogão, Fluzão**

O aumentativo obviamente está para expressar a grandeza, mas pode também indicar valorização de qualidade: Ele (o baixinho Mendonça) é um professorzão; um amigão; (aquela mignon) é um mulherão etc.

Não é de estranhar que muitos clubes de futebol se identifiquem com aumentativos de suas cores (Verdão, Azulão etc.), da grandeza que afirmam ter a própria equipe (Timão) ou o próprio nome do time, como o fazem os grandes do Rio: Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense.

Por razões de praticidade, limitei a pesquisa ao carioca “Jornal dos Sports” e pude constatar que essas proclamações de grandeza surgiram quase simultaneamente: a primeira a surgir foi Mengão (27-11-1969). Poucos meses depois, o rival se denominou Vasco (18-04-1970), seguido do Fogão (31-07-1970) e do Fluzão (06-09-1970).

Autoafirmar-se com aumentativos é fácil e não custa nada tentar desse modo impor respeito ao adversário. Resta saber o que vai constar na tabela de classificação e enfrentar a inevitável inversão (para -inho) em caso de eventual rebaixamento...

## **Menino levado**

Hoje em declínio, ainda há poucas décadas era muito aplicado “levado(a)” para o menino(a) traquinas, bagunceiro, “aprontão”. Antigamente usava-se não só para crianças travessas, mas para qualquer outro sujeito. Talvez o sentido seja o de “levado” como “conduzido”, pois originalmente a expressão era com complemento: “levado da breca” ou “levado dos diabos”...

“Breca” é a impulsividade da fúria, de modo que o sujeito estaria “possuído” (endiabrado, danado) por uma força que o “levaria”, arrastaria a um mau comportamento. “Levado da breca” aparece na BN já em 1850, quando um cronista, após mais uma de uma série de contrariedades, diz: “fiquei ainda mais levado da breca” (“Periodico dos Pobres” RJ, 05-11-1850).

Provavelmente “da breca” tenha surgido como alternativa – para contornar o tabuísmo – contido na então mais antiga e mais usual sinônima “levado dos diabos”, que surge na BN em 1837, em uma divertida matéria (“Correio do Imperador” RJ, 07-01-1837) sobre um “gallego que ficou levado dos diabos” ao ver fracassarem seus esforços em ensinar seu papagaio a falar (em vez de dizer “Padre Nosso”, a ave insistia em “Pedro nós” etc.).

Afastados os diabos, prevaleceu no Brasil (mas não em Portugal) a expressão “menino levado da breca”, quase dez vezes mais empregada na BN do que “menino levado dos diabos”.

## **Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros...**

O católico brasileiro, também ele tipicamente extrovertido e afetivo, ficou felicíssimo, depois do Vaticano II, com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso (“conforme a oportunidade”), do convite feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo” (ou fórmula semelhante).

*Coeteris paribus*, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fazia um pequeno gesto ou uma reverência ao par de fiéis que o

circundava, dizia “a paz de Cristo” e em poucos segundos a paz estava dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era o ponto alto da cerimônia: um “arrastão” no qual cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me deslocado e tentando em vão evitar aqueles contatos), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado, beijado (em alguns casos, cheirado...) etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós brasileiros, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor...

Em 2014, o Papa Francisco (pensando no Brasil?) para coibir exageros, confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam dispensável o “rito da paz” e, que quando se realizar, que seja feito de modo extremamente sóbrio: proibindo abusos como cumprimentos efusivos, o uso de cantos próprios para esse momento, o deslocamento dos fiéis (movendo-se ou saindo do banco) e do próprio sacerdote; que “o dar-se a paz seja ocasião para felicitar ou expressar condolências entre os presentes” (em missas como as de Páscoa ou Natal, Confirmação, Matrimônio, sétimo dia etc.) e indicando mesmo que não se realize se se prevê que ocasionará qualquer manifestação para além da mais comedida e discreta saudação ao vizinho.

E nós outros, introvertidos, podemos voltar a celebrar a paz em paz...

## **Mil maravilhas, poesia e filosofar – Adélia Prado (com um poema inédito) e Josef Pieper**

Antes de nosso tema principal – a sintonia entre a poeta Adélia Prado e o filósofo Josef Pieper – uma nota sobre a locução. Das expressões que busquei, talvez a mais antiga seja “às mil maravilhas”, desde sempre muitíssimo usada na BN.

Fazendo a crônica das notícias sobre a situação e a saúde de um político muito importante da época – ninguém menos do que Napoleão Bonaparte –, para prognosticar seu futuro, o jornal “Idade D’Ouro do Brazil” relata e comenta:

Quando elle chegou a *Francfort* com huma marcha violentíssima e sobresaltada, diz o boletim *Francez*: S. M. passa às mil maravilhas. Esta frase Hespanhola eh muito digna de riso...

A expressão “às mil maravilhas” já era muito usada no Brasil, mas parece ter tido sua origem mesmo na Espanha. Ela aparece frequentemente no *Quijote*: “Asada a las mil maravillas, con ajos y canela, una hermosísima pierna de carnero...”; “El libro es lindo a las mil maravillas...”; “un gentil gazapo con su ajo, que yo lo sé hacer a las mil maravillas... Etc.

E hoje no Google “a las mil maravilhas” tem muito mais incidências do que a nossa “às mil maravilhas”.

### ***Mirandum*, princípio do filosofar e do ato poético: Pieper e Adélia**

Aproveitando o gancho das maravilhas, quero neste verbete tratar de um tema muito mais importante: o maravilhar-se, a admiração como *arkhé*, princípio do filosofar e da poesia (Platão). Seguindo Aristóteles (e seu mestre Platão) Tomás de Aquino, no século XIII, afirma: “o filósofo e o poeta têm algo em comum, ambos se ocupam do *mirandum*”. O *mirandum*, aquilo que suscita a admiração, é o *principium* (fonte e motor) do filosofar e do poetar.

Seguindo os clássicos, Josef Pieper (1904-1997) – um dos filósofos mais lidos na Alemanha – vê a capacidade de se admirar como um elemento revelador da própria estrutura dual do homem: ele anseia por uma plenitude de conhecimento, mas não consegue, nem de longe, esgotar o mistério do ser de uma simples pedra (ou de uma mosca, como diz Tomás). Assim, a incessante busca filosófica dá-se sempre na sua “estrutura de esperança” (*Hoffnungsstruktur*, como diz Pieper), em um “ainda não” (*noch nicht*), um caminho no qual sempre se está a caminho, sabendo que a plenitude é inatingível. Para Platão, no Banquete, Eros (o filosofar) é filho do deus Poros (a abundância), mas também de Pênia (a pobreza, a penúria, a insuficiência).

Para Pieper, o genuíno *mirandum*, as mil maravilhas que despertam a admiração, não é o estapafúrdio, mas a realidade mais simples, que se dá a nossos olhos no cotidiano.

É o que diz também Adélia Prado:

Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa - que já tinha visto muitas vezes - “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!” -, aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido. (...) O verdadeiro poeta está centrado na realidade, a arte não aliena ninguém, ela não tira da realidade; pelo contrário: ela traz para o real. (...)

Essa minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extra-ordinário); o cotidiano da rainha da Inglaterra deve ser tão insuportável quanto o de uma lavadeira (...) E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida (...) O nosso heróico, o nosso heroísmo é deste cotidiano... nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo [Pieper]: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis...

(cf. <http://www.hottopos.com/isle7/55-68Jean.pdf>)

O ato poético (e o filosófico) despertam-nos do olhar embotado e nos faz(em) ver as mil maravilhas do cotidiano, como diz aquele agudíssimo verso de Adélia:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra e vejo pedra mesmo<sup>2</sup>

O poeta e o filósofo são mais susceptíveis a esses abalos da admiração; para os embotados refratários, pedra é pedra mesmo e ponto final. É pela mão do artista que, também nós, os não artistas, podemos (talvez) ver esse *plus*, para além da mera pedra.

Aqui cabe uma recordação, para mim, muito significativa e especial: há trinta anos (em 5-11-1993) tive o privilégio de entrevistar a poeta (cf. <http://www.hottopos.com/spcol/EntrAdeliaPrado.pdf>) para subsidiar uma dissertação de mestrado (da Profa. Cecília Canalle), precisamente sobre os fundamentos filosóficos, para mim “pieperianos”, de seu poeitar.

Em dado momento falando da insuficiência de nossa linguagem, que corresponde à insuficiência de nosso conhecimento (que tanto afligem o filósofo e o poeta, filhos de Pênias), fui surpreendido por um gesto incrível de Adélia: ela rasgou uma folha de caderno escrita a lápis e disse “Eu tenho um poema sobre isso!”. E presenteou-me com “Acácias” (com a sugestiva dedicatória “com a esperança do Reino, que já está aqui”), que fala do transtorno – angústia – ante a beleza de uma criatura, uma simples acácia. Um poema que não consta em sua obra completa e que agora repasso ao leitor:

### ACÁCIAS

Minha alma quer ver a Deus.  
Eu não quero morrer.  
Quero amar sem limites  
E perdoar a ponto de esquecer-me  
Radical, quer dizer pela raiz  
O perdão radical gera alegria  
Exorciza doenças, mata o medo  
Dá poder sobre feras e demônios  
Falo. E falo é também membro viril,  
Todo léxico é pobre,  
Idiomas são pecados;  
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas  
Eis, esta acácia florida gera angústia  
Para livrar-me, empenho-me  
Em esgotar-lhe a beleza  
Beleza importuna,  
Magnífica insuficiência,  
Porque ainda convoca  
O poema perfeito.

Essa sintonia Pieper-Prado estende-se também a outros aspectos (que analisei em outros estudos).

---

<sup>2</sup> Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo: Siciliano, 1991, p.199.

## Mineirês – em um dicionário de 1911

O “Pharol”, jornal de Juiz de Fora, publicou em meados de 1911 – de modo desordenado e incompleto – muitos verbetes do “Diccionario Brasilico-Mineiro”, projeto da recém-criada (1909) Academia Mineira de Letras.

Selecionamos aqui algumas dessas entradas (naturalmente, nem todas são exclusivas de Minas nem necessariamente lá originadas):

Afobação (Houaiss indica imprecisamente a datação de 1938) – Calão regional mineiro (...).

Afobar – cançar, andar atarefado.

Amolar – importunar.

Ansim – corruptela de assim.

Arame – dinheiro.

Assumtar – pensar, dar tratos à bola. Calão regional, muito generalizado em Minas.

Bruaca – mulher de vida airada, de moral duvidosa.

Cacêta – homem importuno.

Capêta – Demonio. Calão regional. De grande extensão, em Minas, onde é às vezes empregado como expressão affectiva.

Córgo – corruptella de córrego.

(edição de 15-07-1911)

Peitudo – valente, capanga – bom cantor.

Perrengue – covarde, fraco, medroso.

Lindolpho Gomes

(da Academia Mineira)

(edição de 05-05-1911)

Riscar no pinho – tocar viola.

Saracotear – dançar, andar de um para outro ponto (anda sarcoteando).

Sapocado – espancado, vencido, mal feito (foi sapocado a páu – foi sapocado no jogo – serviço sapocado, mal feito).

songamonga – atoleimado, imbecil, tristonho.

Tocar viagem – seguir viagem.

Trem de turco – cousa de pouco valor.

Tiquinho – bocadinho.

Vai amolar o boi – modismo – não me amole, vá amolar outrem.

Zum-zum – barulho, falatório, conflicto (pegou o *zum-zum*, começou o barulho), aquilo era um *zum-zum* de gente (...)

Zoeira – variante (de zum-zum).

Zurêta – maluco, vesânico, leviano.

Angú de caroço – negocio complicado, casa ou reunião em que reina a desordem.

Arroz-doce – sujeito que vai à alguma reunião sem ser convidado.

Arrasta-pé – baile, batuque ou catereté.

Abafar – furtar.

Pinguça – individuo que se embriaga.

Fubeca – sova, lição – tomou fubeca.

Torrar – amolar, cacetear.

Comprar briga – envolver-se em questões alheias; tomar parte em favor de algum dos contendores.

## **Muamba e muambeiro**

Muamba e muambeiro são muito antigos na BN e são verbetes de Beaurepaire-Rohan em seu “Diccionario de Vocabulos Brasileiros” (1889): “velhacaria, patranha, fraude. Negocio illicito que consiste em comprar e vender objectos furtados” e “Pessoa que faz negocios illicito comprando e vendendo objectos furtados” (hoje a ênfase da muamba recai sobre produtos contrabandeados). O autor também nos informa que muambeiro foi especialmente aplicado, durante a terrível seca de 1887-1890 no Ceará, àqueles que desviavam os alimentos e outros recursos que o governo enviava aos flagelados.

De fato, a imprensa cearense da época documenta fartamente esses fatos. Por exemplo, o “Pedro II” de 18-10-1878 denuncia o sumiço de 4 volumes do lote de 36 que tinham chegado para os vitimados:

Ja se furta assim publicamente (...) por que n’esta desgraçada situação os ladrões passaram a ocupar o lugar dos homens de bem

Aproveitar-se da desgraça de flagelados é hábito que persiste como o escândalo dos abusos praticados nos preços durante a tragédia das enchentes e deslizamentos em São Sebastião em fevereiro de 2023, tristermente emblematizadas na garrafa de água vendida por cerca de U\$ 20:

O “Bom Dia São Paulo” entrevistou uma moradora de São Sebastião que revelou o preço abusivo cobrado por uma garrafa de água mineral: R\$ 93. Ao vivo, o repórter Wallace Lara reagiu emocionado e indignado.  
(<https://twitter.com/GloboNews/status/1628219285003964416>  
Acesso em 27-04-23)

## **Muito – intensivos nos transcendentais do ente**

Não somente os preços das mercadorias, mas também o significado das palavras pode sofrer uma “inflação”: ter seu significado indevidamente estendido, com as conseqüentes distorções semânticas.

Pense-se, por exemplo, no uso comercial de palavras como: “desconto”, “oferta”, “promoção” ou “liquidação”. Esta, em condições normais, significaria: “venda de mercadorias a preços abaixo do normal para renovação dos estoques ou extinção do negócio” (Aurélio) ou “venda de mercadorias, a preços reduzidos, por ocasião da cessação de um comércio ou para dar saída rápida ao estoque, para facilidade dos balanços etc.” (Houaiss).

Porém, no uso inflacionado, em muitos casos, “liquidação” estende-se de “venda especial” para simplesmente “venda”. Assim, os anúncios da TV apregoam que tal loja está em liquidação mas, se repararmos bem, tudo somado, as lojas parecem estar em liquidação o tempo todo: temos a “liquidação de carnaval” (como se as roupas ou eletrodomésticos, cansados de pular o carnaval e desgastados pelos desfiles, tivessem seus preços rebaixados em um “carnaval de ofertas”); depois teremos a liquidação de Páscoa; a do Dia das Mães; a do Dia dos Namorados etc.

Ou, mesmo sem pretexto de datas, há um estado permanente de liquidação (pelo menos em nível de anúncio e publicidade); o que, por outro lado, acaba levando a palavra a descrédito. Daí que já não baste anunciar uma mera liquidação, mas é necessário qualificá-la, modificá-la, intensificá-la, superlativizá-la, para compensar o desgaste inflacionário semântico.

O intensivo pode se dar de diversos modos; analisaremos aqui algumas formas especiais: as que seguem os “transcendentais do ente”, na filosofia clássica de Tomás de Aquino (1225-1274).

### **Transcendentais do ente**

“Ente”, participio presente do verbo “ser”, é aquilo que é, que “exerce” o ser. Assim como o presidente exerce o ato de presidir; o gerente, o de gerir; o ouvinte, o de ouvir; o ente exerce o ato de ser. Assim, eu sou um ente, aquela árvore, meu cachorro Lulu, esta pedra, também o são.

Os seis transcendentais do ente são, por assim dizer, seis sinônimos de ente. Bem entendido: “sinônimo” não significa identidade absoluta, mas sim que cada um desses “sinônimos” aponta para um determinado aspecto diferente da mesma e única realidade. Como quando falamos em “casa”, “lar”, “domicílio” e “residência”. Em si, a realidade a que se referem essas palavras é a mesma e única; mas ninguém diz “domicílio, doce domicílio”, nem a Prefeitura cobra IPTU sobre o meu lar etc. (ainda que haja casos em que é legítima a substituição de uma dessas palavras, ou indiferente o uso de uma ou outra: afinal, são sinônimas!).

Como dizíamos, apontam-se classicamente seis transcendentais, seis “sinônimos” do ente: *verum*, *bonum*, *pulchrum*, *res*, *aliquid*, *unum*. Respectivamente: “verdadeiro”, “bom”, “belo”, “coisa”, “que” e “um”.

O que se afirma com os transcendentais é que tudo que é, é bom; tudo que é, é verdadeiro; é uno; é um quê (*ali-quid*: outro quê, algo) etc. A identidade (na coisa) entre ente, verdadeiro, bom etc. é uma das afirmações mais fundamentais da filosofia de Tomás de Aquino, por exemplo: o ente, enquanto diz respeito à inteligência, diz-se verdadeiro; à vontade, bom etc. Afirmar a relação do real com uma inteligência e uma vontade é, no caso, primariamente afirmar a dependência do ente para com Deus, cujo ato criador inclui pensar e querer a criatura com seu ser e essência. Aliás, criar deve ser entendido precisamente como um ato da Inteligência (que concebe, projeta) e do Querer divinos que conferem o ser. Assim, verdadeiro (ou bom) é algo próprio do ente, no sentido profundo de que o ente supõe uma relação com a inteligência que o cria e, então, também com a inteligência humana que a ele se abre.

### **Recíprocos**

Não pretendemos aqui explorar as ricas conseqüências filosóficas e relações teológicas que se encerram na doutrina dos transcendentais, mas somente indicar que, por mais estranho que à primeira vista possa parecer, é-nos, no entanto, altamente familiar esse trânsito e reciprocidade: ser-verdade-bem. Como sempre, voltemo-nos para a linguagem comum. Nela encontraremos, em muitas línguas, intuída e legitimada alguma equivalência entre ser, verdade, bem etc. É este exercício que

faremos agora: mostrar como a linguagem autoriza o trânsito, a permutação dos transcendentais.

Quando algo é, mas é realmente (“Forty years: she is not really old”), dizemos que é de verdade, ou que é bom, ou belo, empregados no sentido de plenitude: “Não senhor, isto não é descanso; você precisa descansar de verdade”, ou, o que é o mesmo, “um bom descanso” ou “um belo descanso”. Também em outras línguas: o italiano, por exemplo, diz: “Una buona dose di vino”, “Un bel pò di strada” etc.; o inglês: “It is a good distance” etc., sempre indicando plenitude, ser de verdade. Com o transcendental da beleza, dizemos coloquialmente: “Tal time se afundou bonito”.

E se algo não vale a pena, “não adianta”, o inglês diz “no good”. Fala-se nos “bens” de uma pessoa: “Fulano, com o incêndio, perdeu todos os seus bens”. E “bem” na expressão “se bem que” (ob-wohl, em alemão; ben che, em italiano; bien que, em francês) equivale à ressalva: “é verdade que” ou simplesmente, “é que”. E o mesmo ocorre quando dizemos: “Ah! Eu bem que te avisei. Bem feito!” (Je vous l’avais bien dit!) ou “Você bem que podia me aparecer” (Vinícius de Moraes), ou ainda, “Eu bem que mostrei sorrindo” (Chico Buarque). Jawohl (literalmente: sim-bem) é a forma enfática afirmativa do alemão, que também dispõe do “bem” enfático Wo - zum Teufel - kann er wohl stecken? [Onde diabos pode ele (bem) estar metido?], bem como em outras línguas (Le ultime notizie lasciano ben sperare...).

E “também” significa tão-bem, ou seja, “igualmente é”; em alemão há, por exemplo, ebensogut e, em inglês, “as well”: “He is rich, my father is rich as well”. O espanhol tem a expressão “más bien”. Ante um vinho falso, um vinho que não é bem vinho, exclama-se: “Esto es más bien água”. E nós dizemos: “Nem bem chegou e já tornou a sair”.

E quando algo é (é mesmo, para valer) diz-se em francês “pour de bon” (próximo ao inglês “for good”, definitivo) ou “pour de vrai”; e dizemos que um bife está bem passado, “well done”. Para não falar do “tout bonnement”: “Elle est tout bonnement insupportable!”.

Distinguimos moeda falsa de dinheiro bom; dizemos que o cheque é bom para depois de amanhã (“um assegno buono per dopo domani”; “good for 30 days” etc.); e temos “bônus” desta ou daquela companhia etc. Já a torcida daquele time do interior paulista, indignada ante o desempenho evidentemente displicente de seu goleiro, gritava revoltada: “O golero é farso” (em português há - como no alemão, inglês etc. - o “falso alarme”). Dizemos também “de mentirinha” para indicar que algo não é, ou “não é de nada”.

Para designar um ente ou uma ação qualquer, o italiano vale-se do transcendental “coisa” em lugar do nosso “que”: “Cosa vuoi?”, “Cosa fai?” ou, com a especial sensibilidade que italianos e alemães têm para o transcendental “belo”: “Cosa fai di bello?” Já o alemão, para certos casos em que nós empregamos “bem”, diz schön (belo): “also schön” (pois bem), “schön und gut” (muito bem) etc. Já “coisa”, no nosso falar popular, pode indicar algo que está muito bom: “Hmm! Tá uma coisa” (combinando os transcendentais “um” e “coisa”). E quando algo não é, mas não é mesmo, dizemos “coisíssima nenhuma”.

O transcendental unum é preferentemente restrito ao humano, no sentido universal de “alguém”: uno (espanhol), einer (alemão), one (inglês), principalmente nos compostos someone, no one etc. (ainda que one possa referir-se a qualquer ente: “the next one, please”, pode dizer também o operário que acaba de montar uma peça e pede a próxima). “Um”, embora menos frequente que em outras línguas, pode também designar “alguém”: “Ele é um que sabe o que quer”. E o povo diz: “O Souza? É aquele um que tem um carro preto”.

### **Transcendentais como intensivos**

Foquemos agora um caso especial no qual é particularmente visível a equivalência dos transcendentais: seu uso intensivo, significando: “muito”. Podemos usar “bom”, “belo”, “verdadeiro”, “coisa”, “que” e “um” nesse sentido, para indicar que algo é com intensidade.

Isto já se nota na própria palavra inglesa *very*, que obviamente procede do latim (*verus*, *vere*). Também o nosso “deveras” pode ser usado no sentido de “muito”. Na Bahia, pede-se café com bem açúcar. “Muito obrigado”, em francês, é não só “*merci beaucoup*”, mas também “*merci bien*” (em alemão “*danke schön*” - obrigado belo). Note-se ainda que “*how much*” é literalmente em francês “*com-bien*”.

“Uma beleza de traíçoeiro”, diz Riobaldo Tatarana para indicar o superlativo; “está bem mal”; “deveras interessante” e o já apontado “está uma coisa” são outros tantos usos intensivos dos transcendentais.

“Um” e “que” também podem passar por muito. “Que saudades que eu tenho...”, “Que lindo!” e também no uso da gíria: “O que tinha de gente lá...”, “O que o juiz roubou pros hóme...”. “Está um calor, hein?” “Está uma chuva, um frio (What a cold!)”. Bom disso, bom daquilo (bom de bola, bom de bico) também indicam intensidade.

A publicidade com palavras desgastadas como “liquidação” ou “desconto” vai procurar reforço em formas intensivas e nos transcendentais: liquidação de verdade, verdadeira oferta, um belo desconto, um bom desconto, liquidação para valer, que descontão!, isso é que é liquidação, “a” liquidação (durante anos o slogan da extinta loja Mappin, apontava para o unum, a única verdadeira; como “Das Auto”, dos anúncios da Volkswagen, que pretende o *verum metafísico*: carro mesmo).

A linguagem tem cada uma...

## **(viajar/derrapar) Na maionese**

Os dois elementos que compõem a expressão “viajar na maionese” concorrem para seu sentido de fantasiar, delirar, imaginar o irreal, alimentar sonhos impossíveis de grandeza etc. O Houaiss aponta os seguintes sentidos figurados: “viajar – sofrer alucinação sob o efeito de alguma droga alucinógena” e “maionese – mistura desordenada de coisas, confusão”. Além do mais, o caráter viscoso e escorregadio da maionese justifica semanticamente a locução sinônima “derrapar na maionese”. Ambas surgem na BN na década de 90 e os exemplos expressam claramente seu sentido. Na “Tribuna da Imprensa” (RJ) de 16 de abril de 1998 quem “viajou na maionese” foi o diretor do programa do SBT, “Domingo Legal”, que deu como certo levar uma estrela global em cada programa (coisa que a Globo jamais permitiria). Já o ator Maurício Mattar, segundo o “Jornal do Comercio” (RJ, 07-02-1999), “derrapou na maionese” ao afirmar pretender fazer musicais ao mesmo tempo em que atuaria em novelas:

Assim como Sinatra e Elvis Presley, que conciliavam o ator com o cantor, posso fazer o mesmo

Na década anterior, a de 80, já tinha aparecido na BN a gíria “falar abobrinha”, com o significado de dizer tolices, asneiras; mas “viajar (/derrapar) na maionese” acrescenta-lhe o aspecto de delírio.

Curiosamente, entre os que mais embarcam nessas maioneses costumam estar colegas fraseologistas<sup>3</sup>, que, por exemplo, viajam nas famosas interpretações “iluminadas” (e falsíssimas) para substituir os provérbios tradicionais por disparates como: “Corro de burro quando foge”, “Quem tem boca vaia Roma”, “Quem não tem cão caça como gato” etc.

## “Nada contra” – e outras hipocrisias tupiniquins

O velho dito medieval “Excusatio non petita, accusatio manifesta”, “quem se desculpa sem ter sido acusado, culpabiliza-se” pode se aplicar à enxurrada de afirmações feitas ultimamente: “Não tenho nada contra...”. Nem precisamos aprofundar na denegação (a *Verneigung*, Freud explica...) para suspeitar da sinceridade de muitos desses “nada contra” (alguns muito mal disfarçados), que têm ocupado espaço em nossa mídia.

Trata-se, muitas vezes, de hipocrisia de fanáticos, que julgam se proteger e acham também que afinal não custa fazer uma declaraçãozinha fingida, como uma pequena concessão aos opositores, antes de agredi-los com o que, sim, ele tem contra.

Um caso típico foi o do jornalista Gilberto Barros que publicou em seu canal no youtube TV Leão, em 09-09-2020, uma entrevista que lhe fez a jornalista Sonia Abrão. Gilberto, lembrando seus tempos de trabalho na Rádio Globo, deixou cair a máscara e declarou:

Eu tinha que acordar às 2h30, 2h, e ainda presenciar, onde eu guardava o carro na garagem, beijo de língua de dois “bigode”, porque tinha uma boate gay ali na frente. Não tenho nada contra, mas eu também vomito, sou gente. Naquela época ainda, você imagina, chegando do interior. Hoje em dia, se quiser fazer na minha frente, faz. Apanha os dois, mas faz.

(<https://revistaquem.globo.com/QUEM-News/noticia/2020/09/gilberto-barros-e-cancelado-na-web-apos-dizer-que-agrediria-homossexuais.html> Acesso em 28-04-23)

Claro que o caso lhe valeu um belo processo e uma condenação.

**Com todo o respeito.** A hipocrisia ocorre por vezes também com a afirmação: “Com todo o respeito”, que prenuncia atitudes claramente desrespeitosas (ou pretende escondê-las).

Um exemplo: o radialista Domenico Gatto, da Rádio Energia 97FM, em seu programa “Estádio 97” (07-06-2021), saiu-se com esta:

A Copa do Nordeste que é uma porcaria, um lixo. Desculpa, com todo o respeito, é uma porcaria. O Bahia é o mais forte desses, talvez nem lute para não cair, mas também não vai chegar à

---

<sup>3</sup>. Cf. p. ex. verbete “Pena que as originais não são boas...” e meu artigo: “Desmascarando falsas explicações sobre a origem de expressões populares” em <http://www.hottopos.com/convenit34/JeanFraseologia.pdf>.

Libertadores, é uma porcaria também, outro lixo. Vou falar que o Ceará é uma potência? É uma porcaria.

(<https://www.folhape.com.br/esportes/apresentador-de-sp-chama-copa-do-nordeste-e-clubes-nordestinos-de/186468/>)

Claro que quando vêm as consequências (jurídicas, rejeição nas redes etc.), o agressor “arrependido” faz um videozinho de desculpas esfarrapadas, que começa invariavelmente com o famoso “Quem me conhece sabe que eu não tenho preconceito (contra nordestinos, negros, gays, deficientes etc.)”, eu *até* tenho amigos (nordestinos, negros, gays, deficientes etc.)”, foi uma fala infeliz (eu estava sob efeito de medicação pesada), o que eu disse foi tirado de contexto e blabláblá...

Para não falar do “não sou, mas”: “Não sou racista (homofóbico etc.) mas...”

E viva a hipocrisia tupiniquim (ops, com todo o respeito aos tupiniquins, não tenho nada contra eles...).

## **(o) Neutro, indeterminação e a enrolação tupiniquim**

Embora gramaticalmente inexistente no português – e em tantas línguas modernas que perderam esse poderoso recurso do latim –, a necessidade do neutro é tão forte que procuramos recuperá-lo em construções alternativas. *Utrum* é a forma latina que exige a definição de um de dois; daí *ne-utrum* ser: nenhum dos dois, neutrum! Neutro que pode não ser nenhum dos dois, porque é ambos: confundente, indeterminado.

Engana-se quem pensa que o neutro seja só ou principalmente um modo de designar o que não é macho ou fêmea. Essa primeira aproximação do neutro está longe de esgotar-lhe o significado. Tipicamente, o neutro puxa para a abstração, a totalidade, a indeterminação. Masculino e feminino opõem-se ao neutro enquanto determinação; mais do que quanto a “gênero” ou sexo. Santo Tomás de Aquino – cujo pensamento explora as ricas possibilidades do neutro – no-lo explica:

O gênero neutro é informe e indistinto; enquanto o masculino (e o feminino) é formado e distinto. E, assim, o neutro permite adequadamente significar a essência comum, enquanto o masculino e o feminino apontam para um sujeito determinado dentro da natureza comum (Suma Teológica I, 31, 2 ad 4).

Fomos apresentados a esse indeterminado neutro desde a infância: ao final dos violentíssimos jogos de futebol de várzea, a fórmula do time adversário para despedir-se era: “Desculpe alguma coisa” (lançando os agravos reais no limbo do neutro, como se não tivesse havido concretíssimos pontapés desleais, caneladas etc.).

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, até instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) veemente, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nisso, é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural. Pensemos nessa instituição tupiniquim: o ponto facultativo.

Como dizia Stanislaw Ponte Preta: “Vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo?”.

- É feriado?
- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!
- Então, haverá trabalho normal?
- Não, Mr. Brown, claro que não: é ponto facultativo!!

Não é feriado, e não deixa de ser... É neutro!

Atinge o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora”, (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “at the moment”). O pior é que o neutro (indevido) está tão arraigado que a opção por ele parece natural e legítima. E aí de quem se insurgir. A egoísta instalação do falante no neutro é-lhe cômoda, mas exasperadora para o interlocutor. O namorado pontual estaciona numa vaga precária, porta de garagem do prédio, faz um gesto para o irritado porteiro de que não vai demorar, liga para a amada e ouve: “Já estou descendo...”. Minutos depois, volta a ligar e ouve: “Calma! Estou só acabando a maquiagem e em um minutinho eu desço...”.

“Estou descendo”, “um minutinho” pode significar, no caso, qualquer intervalo de tempo até, digamos, uma hora de relógio... O mesmo acontece com o “estou chegando”. Quantas brigas de casais têm suas raízes nas diferenças de determinação dos cônjuges: a neutra resposta de um ao celular (“Calma, estou chegando!”) bem poderia – queixa-se o outro – ser substituída por algo determinado, como “Já estou na esquina da padaria” ou “No máximo, em três minutos de relógio chego aí” etc.

Indeterminação do espaço (formas carregadas de subjetividade: “é pertinho”, “logo ali”); indeterminação das pessoas, diluídas em neutros (é menos comprometedor o neutro “a arbitragem” do que o concreto “juiz”; “ô, chefia”, “ô, malandragem”, em vez das pessoas concretas do chefe ou do amigo malandro...) etc. O neutro indevido, egoísta, é legitimado pelos hábitos de indeterminação do brasileiro. É, como diz Ortega, *vigencia* entre nós. E insistir por resposta mais determinada é quase ofensivo: “Nossa! Como está estressado, já falei que estou pertinho e estou chegando...”

Claro que os políticos são campeões do uso do neutro e fogem do concreto. Por isso, os debates entre candidatos tornaram-se enfadonhos. Refugia-se no neutro o político que ignora a a pergunta concreta: “O senhor é contra ou a favor da volta da CPMF?”. “Veja bem. A captação de recursos para a saúde... blablablá... e fiz mais pela saúde do que... blablablá... não se trata de onerar a carga tributária... blablablá...” não diz sim nem não até que soa o gongo: “Candidato, seu tempo está esgotado”.

De vez em quando alguém se atreve a romper com a palhaçada e falar claro. Como no clássica comédia italiana *Gli Onorevoli* (1963) do inesquecível Totó. No filme, Totó é Antonio La Trippa, principiante lançado como candidato pelo Partito Nazionale per la Restaurazione. Embora bem instruído pela coordenação da campanha, ao começar o comício tem um surto de sinceridade: “Se dissesse que vou fazer estradas hospitais etc., vocês acreditariam em mim? – Siiiiim. Se dissesse que estes homens [que estão com ele no palanque] são pessoas honradas, dignas do título parlamentar [os congressistas são chamados de onorevole, honorável] e que buscam seus votos para o bem da comunidade, vocês acreditariam em mim? – Siiiiim. Então vocês são uns babacas, porque, assim que eleitos, eu e esses senhores vamos \$#@%\$ vocês, porque somos uns #\$\$\*\*@#. Não votem em mim!”.

O neutro, banido da gramática da língua portuguesa, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira (claro que a lei do mínimo esforço contribui, e muito, para esses refinamentos de linguagem; afinal, para bom entendedor...).

Seguem-se alguns exemplos (em negrito); em cada caso, pode-se ajuntar a pergunta “... o quê?” e a resposta seria: “Não interessa, é neutro!”.

**Numa boa** – Um leve acidente de trânsito, um espelho deslocado. Em vez de discutir e chamar a polícia, vamos resolver **numa boa**. (Numa - o quê - boa? Não interessa, é neutro!)

**Qual é a dele?** – Tipicamente neutro. Bem apropriado à mentalidade neutra brasileira, que deixa cada um **na sua**...

**Qual é?** (ou: qual é, **ô meu?**) – Forma ainda mais neutra (mais totalizante e indeterminada) do que a anterior.

Pô, o cara chega aqui **na maior**. Esse cara **tem cada uma**... (na maior, o quê? cada uma, o quê? Não interessa, é neutro!).

**Ô, chefia** – Vocativo de garçon em boteco. Garçon, que não só é promovido a (reles) chefe, mas à neutra (e, portanto, total) “chefia”. Vê... **o de sempre**. Nessa mesma linha, usa-se o vocativo “Ô malandragem” (mais geral do que o concreto “malandro”); “Ô amizade” etc.

**Numa pior** – **Sabe como é**, ele tá numa pior...

Tenta, vai que **numa dessa, rola**...

**Aprontou todas** – E ainda fica **se achando**... **É dose**...

Objetar-se-á que nem todos os exemplos acima são exatamente de neutro. Em todo caso, esses exemplos têm o espírito do neutro e seja como for, é **por essas e por outras** que eu, **na maior**, afirmo: faz parte...!

## Obrigado e congêneres em outras línguas

(Nota prévia: O conteúdo deste verbete, que originalmente escrevi há décadas, tem sido nos últimos anos indecorosamente plagiado em diversos vídeos do youtube, inclusive por “luminares” da universidade e da comunicação).

Dentre as diversas fórmulas de expressar gratidão, o nosso “obrigado” é muito sugestivo e situa-se em um nível mais profundo do que o inglês *thank* ou o espanhol *gracias*.

Para examinar as fórmulas de gratidão, recorreremos ao clássico Tomás de Aquino em sua *Suma Teológica*. Tomás ensina que a gratidão é uma realidade humana complexa (e daí também o fato de que sua expressão verbal seja, em cada língua, fragmentária: este ou aquele aspecto-gancho é o acentuado): “A gratidão se compõe de diversos graus. O primeiro consiste em reconhecer (*ut recognoscat*) o benefício recebido; o segundo, em louvar e dar graças (*ut gratias agat*); o terceiro, em retribuir (*ut retribuatur*) de acordo com suas possibilidades e segundo as circunstâncias mais oportunas de tempo e lugar” (II-II, 107, 2, c).

Este ensinamento, aparentemente tão simples, pode ser reencontrado nos diferentes modos de que as diversas línguas se valem para agradecer: cada uma acentuando um aspecto da multifacética realidade da gratidão. Algumas línguas expressam a gratidão, tomando-a no primeiro nível: expressando mais nitidamente o reconhecimento do agraciado. Aliás reconhecimento (como *reconnaissance* em francês) é mesmo um sinônimo de gratidão. Neste sentido, é interessantíssimo verificar a etimologia: na sabedoria da língua inglesa *to thank* (agradecer) e *to think* (pensar) são, em sua origem, e não por acaso, a mesma palavra. Ao definir a etimologia de *thank* o Oxford English Dictionary é claro: “*The primary sense was therefore thought*”<sup>4</sup>. E, do mesmo modo, em alemão, *zu danken* (agradecer) é originariamente *zu denken* (pensar). Tudo isto, afinal, é muito compreensível, pois, como todo mundo sabe, só está verdadeiramente agradecido quem pensa no favor que recebeu como tal. Só é agradecido quem pensa, pondera, considera a liberalidade do benfeitor. Quando isto não acontece, surge a justíssima queixa: “Que falta de consideração!”<sup>5</sup>. Daí que S. Tomás – fazendo notar que o máximo negativo é a negação do grau ínfimo positivo (a última à direita de quem sobe é a primeira à esquerda de quem desce...) – afirme que a falta de reconhecimento, o ignorar é a suprema ingratidão<sup>6</sup>: “o doente que não se dá conta da doença não quer se curar”<sup>7</sup>.

A expressão árabe de agradecimento *shukran*, *shukran jazylan* situa-se diretamente naquele segundo nível: o de louvor do benfeitor e do benefício recebido. Já a formulação latina de gratidão, *gratias ago*, que se projetou no italiano, no castelhano (*grazie*, *gracias*) e no francês (*merci*, *mercê*)<sup>8</sup> é relativamente complexa. Tomás diz (I-II, 110, 1) que seu núcleo, *graça* comporta três dimensões: 1) obter graça, cair na graça, no favor, no amor de alguém que, portanto, nos faz um benefício; 2) graça indica também dom, algo não devido, gratuitamente dado, sem mérito por parte do beneficiado; 3) a retribuição, “fazer graças”, por parte do beneficiado. No tratado *De Malo* (9,1), acrescenta-se um quarto significado de *gratias agere*: o de louvar; quem considera que o bem recebido procede de outro, deve louvar.

No amplo quadro que expusemos – o das expressões de gratidão em inglês, alemão, francês, castelhano, italiano, latim e árabe – ressalta o caráter profundíssimo de nossa forma: “obrigado”<sup>9</sup>. A formulação portuguesa, tão encantadora e singular, é a única a situar-se, claramente, naquele mais profundo nível de gratidão de que fala Tomás, o terceiro (que, naturalmente, engloba os dois anteriores): o do vínculo (*obligatus*), da obrigação, do dever de retribuir.

---

<sup>4</sup>. Cito pela edição em hipertexto-Cd-ROM: *OED* 2nd. ed. on CD-ROM, 1994.

<sup>5</sup>. Já Sêneca – citado por S. Tomás, II-II, 106, 3 ad 4 – fala de que não pode haver gratidão, senão pelo que ultrapassa o estritamente devido, “*ultra debitum*”. *Ministerium tuum est* (“Você não fez mais que sua obrigação”) e outras do mesmo teor são, como se vê, fórmulas já bastante antigas.

<sup>6</sup>. “*Est gravissimum inter species ingratitudinis, cum scilicet homo beneficium non recognoscit*” (*In II Sent.* d.22 q.2 a.2 r.1).

<sup>7</sup>. “*Quia dum morbum non cognoscit, medicinam non quaerit*”, *ibidem*.

<sup>8</sup>. *Merci* é derivado de *merces* (salário), que tomou no latim popular o sentido de preço, do qual derivou o de “favor” e o de “graça”.

<sup>9</sup>. Infelizmente, nestes últimos anos, no Brasil, “obrigado” vem sendo equiparado ou substituído pelo insofista “valeu!”.

Recebido para publicação em 22-05-23; aceito em 16-06-23